

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA

CLEUDECY PEREIRA VIEIRA

LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR E A RELAÇÃO COM O PLANEJAMENTO
DE ENSINO: o fazer do coordenador pedagógico

Pinheiro - MA
2016

CLEUDECY PEREIRA VIEIRA

**LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR E A RELAÇÃO COM O PLANEJAMENTO
DE ENSINO: o fazer do coordenador pedagógico**

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: prof^a. Dra. Maria José dos Santos

Pinheiro - MA

2016

Vieira, Cleudecy Pereira.

Leitura no cotidiano escolar e a relação com o planejamento de ensino: o fazer do coordenador pedagógico / Cleudecy Pereira Vieira.

— Pinheiro, 2016.

44 f.

Orientador: Maria José dos Santos.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica, 2016.

1. Leitura. 2. Planejamento de ensino. 3. Coordenador pedagógico. I. Título.

CLEUDECY PEREIRA VIEIRA

**LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR E A RELAÇÃO COM O PLANEJAMENTO
DE ENSINO: o fazer do coordenador pedagógico**

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão.

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr. Maria José dos Santos (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a.Msc. Doracy Gomes Pinto Lima

Prof^a. Mírian de Fátima Sousa Rocha

Dedico este trabalho aos meus filhos, Allana Larinne Vieira do Nascimento e Everton Júlio Vieira do Nascimento, como um incentivo aos estudos e por ser minha grande motivação para ser um exemplo não só como mãe, mas como profissional na área da educação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu forças físicas e emocionais, que tem me sustentado com mãos poderosa e me possibilitou realizar mais este sonho, mesmo em meio a tantas dificuldades e carga de trabalho.

À minha Família, pelo apoio constante nos momentos difíceis, pela compreensão e carinho.

Ao Ministério de Educação de Educação e Cultura – MEC, por proporcionar aos profissionais da Educação cursos com tamanha relevância para vida prática.

À Universidade Federal do Maranhão – UFMA, por viabilizar junto as Secretárias Estaduais de Educação a organização e realização do Curso de Pós Graduação em Coordenação Pedagógica.

À Secretaria Estadual de Educação – SEDUC, por dar todo suporte necessário para a realização do curso, através da Unidade Regional de Pinheiro – URE, da tutoria, espaço físico e internet.

À coordenação geral do curso, pela organização e suporte a todos os cursistas.

À tutora Sandra Maria Alves, pelo companheirismo, dedicação e pela disposição em ajudar-nos em todos os momentos e dificuldades encontradas no decorrer do curso.

A todos os mestres que tão brilhantemente ministraram este curso, trazendo-nos informações valiosas, orientações e ajuda.

À Professora Maria José dos Santos, orientadora deste trabalho, pelas orientações, pela paciência, pelo apoio constante e pelo incentivo, que foi fundamental para a conclusão do mesmo.

À direção da escola Alcelino Ribeiro Rodrigues, na pessoa do Professor Carlos Magno Vieira Amaral (diretor do turno vespertino) e à professora de Língua Portuguesa Florenilde dos Reis Raiol por contribuir de forma significativa para esta pesquisa.

Aos amigos e nobres colegas de trabalho os coordenadores pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação de Turilândia – MA, pelo companheirismo e partilha de experiências e por tudo que aprendemos juntos.

MUITO OBRIGADA!!

“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história”.

(BILL GATES)

RESUMO

Essa pesquisa teve por finalidade analisar, de maneira reflexiva as práticas de leitura no cotidiano da escola Alcelino Ribeiro Rodrigues. Através do histórico dos resultados das avaliações externas, notou-se o quanto à falta do hábito de leitura tem prejudicado os alunos no que se refere à interpretação de texto e reflexão dos vários textos apresentados a eles nas aulas de Língua Portuguesa. Para a conclusão dos fatos utilizou-se como ferramenta para a pesquisa a entrevista que com perguntas subjetivas para melhor conhecer as causas e as dificuldades enfrentadas por professores e alunos no que trata esta pesquisa. A pesquisa ainda aborda a importante relevância do papel do coordenador pedagógico no auxílio ao professor na elaboração do planejamento de ensino e práticas que viabilize o desenvolvimento dos alunos nas aulas de leitura. Para tanto este estudo foi embasado em autores que possuem estudos que abordam as questões relacionadas a leitura e planejamento de ensino, tais como: Freire (1995), Kleiman (2000, 2004), Teberosky (1991), Vasconcelos (2000), entre outros.

Palavras-Chave: Leitura. práticas. Planejamento. Escola. Coordenador.

ABSTRACT

This research aimed to analyze, in a reflective way, the reading practices in the daily life of the Alcelino Ribeiro Rodrigues school. Through the history of the results of the external evaluations, it was noted that the lack of reading habit has affected students in the interpretation of text and reflection of the various texts presented to them in Portuguese Language classes. For the conclusion of the facts was used as a tool for the interview research that with subjective questions to better know the causes and difficulties faced by teachers and students in this research. The research also addresses the important relevance of the role of the pedagogical coordinator in assisting the teacher in the elaboration of teaching planning and practices that enable the development of students in reading classes. For this, this study was based on authors who have studies that address the issues related to reading and teaching planning, such as: Freire (1995), Kleiman (2000, 2004), Teberosky (1991), Vasconcelos (2000), among others.

Key Words: Reading. Practices. Planning. School. Coordinator.

LISTA DE SIGLAS

- ANEB - Avaliação Nacional da Educação Básica.
- ANRESC - Avaliação Nacional do Rendimento Escolar.
- EJA - Educação de Jovens e Adultos.
- IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas.
- MEC - Ministério da Educação e Cultura.
- PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais.
- PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação.
- SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica.
- SEDUC - Secretaria Estadual de Educação.
- UFMA - Universidade Federal do Maranhão.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR.....	15
2.1	Concepções de leitura.....	15
2.2	Leitura e planejamento de ensino.....	18
3	O COORDENADOR PEDAGÓGICO.....	23
3.1	O coordenador pedagógico como articulador do planejamento de ensino.....	23
3.2	O coordenador pedagógico entre o pensar e o fazer.....	25
4	PRÁTICAS DE LEITURAS NAS TURMAS DO 9º ANO DA ESCOLA ALCELINO RIBEIRO RODRIGUES.....	28
4.1	Escola Alcelino Ribeiro Rodrigues: histórico.....	28
4.2	Prova Brasil: o que é e qual sua função.....	29
4.3	A leitura na Escola Alcelino Ribeiro: a voz dos sujeitos da pesquisa.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICES.....	40

1 INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (PCN, 1997) ressaltam que, se o objetivo da escola é formar cidadãos capazes de compreender os diversos textos com que se defrontam, é preciso, então, organizar o trabalho educativo para que pratiquem e aprendam isso na unidade escolar. Assim a finalidade deste trabalho é compreender a relação entre planejamento de ensino de Língua Portuguesa, as práticas de leitura desenvolvidas e a sua relação com a Prova Brasil, considerando a articulação do coordenador pedagógico enquanto mediador no processo de organização do trabalho pedagógico, que passa pelo planejamento de ensino dos professores.

Considera-se fundamental o tema abordado neste trabalho, pois o mesmo está diretamente relacionado com a formação do indivíduo, de sua personalidade e intelecto, por isso enfatiza-se que o ato de ler é a instância em que o aluno se posiciona em face do mundo, em face do outro, desenvolvendo, por meio da compreensão, da análise e da escrita, as habilidades críticas.

No entanto, uma pesquisa feita pela Federação do Comércio do Rio de Janeiro mostram que em 2006 o brasileiro lia em média três livros por ano, em 2007, esse número subiu para quatro livros, e em 2014 revela que 70% dos brasileiros não leram um único livro impresso. Em 2012 esse percentual era de 55%. Com base nesses dados pode-se entender que a leitura tem cada vez mais perdido espaço nas atividades dos brasileiros.

Ainda segundo pesquisas mais recentes (GLOBO, 2014), 75% da população brasileira nunca frequentou uma biblioteca na vida, porém, o interesse da sociedade pela leitura vem crescendo, e, muitas empresas apostam em projetos que vem ajudando formar cidadãos mais capazes de compreender o mundo, através da leitura. O Banco Itaú, a Nestlé são empresas que tem sido parceiras, no incentivo ao desenvolvimento da prática de leitura. A Nestlé, por exemplo, patrocina anualmente a viagem pela leitura, com o foco na capacitação de professores e apoio a leitura e produção escrita de alunos do ensino fundamental entre outras.

Apesar dos conceitos bem elaborados e bem justificados por alguns autores que abordam o tema da leitura, ainda se percebe que a mesma não tem uma boa aceitação nas escolas, haja vista que, vários alunos só a fazem como uma atividade obrigatória e não como fonte de conhecimento, diversão e prazer. No Brasil

existe grande contingente de pessoas que são considerados analfabetos funcionais, que sabem ler e escrever, mas, que não conseguem praticar o uso socialmente.

De acordo com os resultados de avaliações externas quanto a leitura na \corresponde ao que se espera de alunos nas series que são alvo dessas avaliações, no caso específico desse trabalho a Prova Brasil, que é aplicada aos alunos do 9º ano. Na escola Alcelino Ribeiro Rodrigues essa realidade em sendo comprovada, pois de 2005 a 2013 os resultados mostraram as escolas do município de Turilândia na nota de corte estadual com situação crítica, pois a média estadual considerando o nível Bom seria de 4,5 a 4,9, o nível baixo 3,5 a 3,9 e em situação crítica 3,3. O município apresentou a menor nota no corte estadual ficando entre os municípios com menor aprovação no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB e as escolas com baixo indicador de gestão. Diante dos fatos é necessário que seja revisto as posturas leitoras que estão sendo tomadas na sala de aula e como estão sendo planejadas, quais orientações os alunos estão recebendo em relação às provas externas.

Bamberger (1997) afirma que é importante selecionar a literatura adequada para as diversas faixas de interesses, essa afirmação trás uma alerta para uma questão fundamental nesta pesquisa o tipo de leitura que está sendo trabalhada nas turmas do 9º ano da escola Alcelino Ribeiro Rodrigues, pois a motivação para esta pesquisa nasce desse pressuposto, compreender como vem sendo desenvolvida as aulas de leitura e qual a relação com o planejamento de ensino.

Como coordenadora pedagógica da secretaria de educação há 07 anos, tem-se observado, nas escolas que compreende o polo sede, que a falta de diversidade de obras pode ser um dos motivos para a má formação de leitores na escola, mas não é o único. Como ressalta Kleiman (2000, p.16-17) “muitas das deficiências do ensino de leitura são resultantes de metodologias inadequadas e desmotivadoras”. Sem dúvida o comportamento do professor em face de sua prática pedagógica faz toda diferença.

O professor é o carro chefe para conduzir o processo de ensino aprendizagem através da leitura, por tanto a forma como conduz esse processo pode ou não motivar o aluno para a compreensão do mundo a sua volta, por isso é necessário que o professor tenha convicção da importância do seu papel numa política global de leitura, pois se entende que para enfrentar a nova realidade social,

faz-se necessário a aquisição de maior fluência na leitura e na escrita, em resposta aos desafios apresentados na vida moderna. Atualmente, em muitas das atividades como pagamentos bancários, por exemplo, com o uso do cartão magnético, o voto eletrônico, os computadores nas escolas, os aparelhos celulares e muitos outros recursos que exigem uma competência leitora estão sendo exigido e apresentado aos alunos a cada novo ano, por isso não se trata apenas de uma atividade na escola, mas de uma necessidade social mais ampla. É importante destacar que as práticas de leitura para uma educação contemporânea possibilita o desenvolvimento social do indivíduo, pois é pela e na leitura que se constrói, reconstrói e desconstrói conceitos relevantes à formação enquanto ser humano.

Desta forma o tema em questão abordará a metodologia da História oral, pois a mesma busca trabalhar com fenômenos que se manifestam ou se manifestaram, eventos que envolvem ou envolveram indivíduos em diversas situações e na educação a história oral pode auxiliar na compreensão daquilo que acontece em diferentes espaços escolares. (GONÇALVES, 2007).

Para a busca de dados será utilizado o instrumento de pesquisa denominado entrevista, por ser uma técnica que aproxima o pesquisador do objeto de pesquisa (alunos e professores) de forma simples, cria um ambiente de intimidade entre ambos, o que torna o assunto pesquisado uma conversa informal deixando os entrevistados a vontade para falarem sobre o assunto. A entrevista será feita com 4 alunos do 9º ano e a professora de Língua Portuguesa do 9º ano da escola Alcelino Ribeiro Rodrigues. A escolha dos alunos se dará pela idade, ou seja, os alunos que forem mais velhos e apresentarem documento idade. A entrevista visa encontrar as reais dificuldades dos professores e dos alunos das turmas citadas quanto ao hábito da leitura. Sobre a entrevista discorre Szymanski (2004, p.15) que nesse processo, o entrevistador reflete sobre a fala do entrevistado e, expressa a ele sua compreensão, submetendo-a a compreensão do próprio entrevistado.

O trabalho está estruturado em capítulos, sendo que na Introdução tem-se a importância do estudo, os objetivos do trabalho, a estrutura do trabalho e a contribuição desta pesquisa para a educação no município de Turilândia-MA.

O segundo capítulo abordará a leitura e o planejamento de ensino, pois se acredita que o grande entrave está relacionado em como estão sendo planejadas e executadas as aulas de leitura. O planejamento de ensino dos professores de língua portuguesa das turmas do 9º ano da escola Alcelino Ribeiro Rodrigues, deve ser

considerado como instrumento de revisão e análise, a fim de contemplar os requisitos necessários para motivar os alunos a tornarem-se leitores atuantes de sua própria história. Por isso acredita-se que o planejamento de ensino do professor deve estar voltado ao desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos, considerando que o êxito no ensino da leitura está relacionado com um plano de ensino de alta qualidade que contemple o contato livre não só com os livros, mas com diversos tipos de textos, vários temas, vários autores instigando o aluno para o hábito de ler, além de mostrar a importância que este tem para a aprendizagem ao longo de toda a vida escolar.

Quando o professor insere em seu planejamento o uso de diversas atividades de leitura possibilita ao aluno a construção de diversos saberes, proporcionando o desenvolvimento integral do mesmo em todos os sentidos: emocional, social, sensorial, cognitivo, crítico, entre outros. A leitura e o planejamento de ensino, considerando que o planejamento de ensino norteia a prática do professor, a grande questão é levantar questionamentos a cerca das dificuldades dos alunos para desenvolver as habilidades nas avaliações externas e o planejamento deve contemplar essas habilidades, nesse contexto afirma Pietri, (2009), “O professor, mais importante mediador entre o aluno e o conteúdo a ser ensinado, pois quem decide, afinal que material utilizar em suas atividades de ensino”.

O terceiro capítulo abordará o planejamento como desafio não só do professor, mas também do coordenador pedagógico, que juntamente com o professor buscarão meios e estratégias para atender as necessidades dos alunos e ajudá-los nas dificuldades que hora se apresenta. O trabalho em questão pretende não só descobrir os problemas, mas encontrar meios para mudar a realidade já destacada, para isso contará com a técnica da entrevista para obtenção das informações necessárias e compreensão da realidade, além de levantar questionamentos sobre como o coordenador pode intermediar nesse processo.

O quarto capítulo traz os resultados das entrevistas realizada com professores e alunos da escola Alcelino Ribeiro Rodrigues, será tratado como ponto principal as avaliações externas e as práticas de leitura, onde serão abordados os descritores da Prova Brasil que norteiam as competências que os alunos devem ter para responder as provas, o referido capítulo ainda fará abordagem dos resultados da pesquisa realizada com professores e alunos do 9º ano do ensino fundamental da

escola Alcelino Ribeiro Rodrigues.

E no último capítulo têm-se as considerações finais, onde é exposto o ponto de vista da autora sobre o tema, baseada na revisão bibliográfica efetuada e nos resultados da pesquisa, reportadas aos objetivos estabelecidos.

2 A LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR

Quando se fala em leitura, logo vem à mente a leitura de um livro, jornal, revista, folheto. Mas o mais comum é a leitura ser associada à ideia de livro. Sem dúvida o ato de ler está sempre relacionado às palavras escritas, e o leitor é geralmente visto como um decodificador de letra, mas sabe-se que existem várias formas de leitura como a leitura de gestos, olhares, imagens, espaços etc.

A leitura foi uma das primeiras formas de entretenimento para o homem. Segundo Freire (1995, p.71), “desde muito pequenos, aprende-se a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos ‘lendo’, bem ou mal, o mundo que nos cerca”, fazendo dessa aprendizagem um divertimento. Segundo as experiências que dão respaldo à teoria de Paulo Freire, na infância, a leitura é algo prazeroso, realizada em lugar confortável, tendo como mediadora a figura materna que praticava, e ainda pratica essa atividade com a criança, que passa a reconhecer na leitura de histórias um universo de encantamento.

Quando se adquire, então, as duas leituras, a de mundo e da palavra, em que ambas se completam, compreende-se a linguagem e a palavra em um determinado contexto. Ao se chegar à escola, porém, essa concepção de leitura é modificada por diversos fatores, tornando-se menos prazerosa e mais mecânica. Um dos fatores que influencia o mau uso da leitura é quando os professores de Língua Portuguesa resolvem trabalhar a gramática descontextualizada como se esta não estivesse dentro dos textos que os alunos leem, nas frases por eles pronunciadas oralmente e através de mensagens, tal postura torna as aulas de leitura dissociada da gramática distanciando o leitor da sua própria fala.

2.1 Concepções de leitura

As inúmeras concepções de leitura podem ser sintetizadas em duas caracterizações: como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir de condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana); e como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos

(perspectiva cognitivo-sociológica).

Investigações interdisciplinares vêm apontando que, esta última concepção dá condições de uma abordagem mais ampla e mais aprofundada do assunto. O debate “decodificar versus compreender” parece estar se esvaziando. Ambas são necessárias no ato de ler. Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível.

A respeito de todas tentativas de uma visão sistemática e metódica, ao se levantar questionamentos sobre o que é, e o que significa a leitura, certamente cada um chegará a uma resposta diferenciada. Isso porque se trata, antes de qualquer coisa, de uma experiência individual, cujos limites não estão marcados pelo tempo ou pelo espaço, entendem-se aqui qualquer tipo de expressão formal ou simbólica, configuradas pelas mais diversas linguagens.

Segundo Freire e Donaldo (1989, p.8), “aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Por isso, ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, è abolir o mundo exterior e sair transformado de uma experiência de vida.

Para Martins (1999, p.22), saber ler e escrever, já entre gregos e romanos significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só o desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integra-se efetivamente.

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresente. Trata-se, antes de dialogar com o leitor sobre a leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá a algo escrito: um quadro, uma paisagem, sons, imagens, coisas, idéias, situações reais ou imaginárias.

A leitura pode, de fato, tornar-se meio essencial de aquisição de conhecimentos, de desenvolvimento de pensamento e de enriquecimento da personalidade, uma vez que saber ler é ser capaz de extrair a “essência” da mensagem escrita, e dessa forma, participar da vida intelectual, da escola de sua comunidade, enfim de todo o processo de evolução do mundo.

A criança que entra na escola, antes de aprender a ler e escrever, já tem

um conhecimento mínimo necessário de gramática fundamental. Tal conhecimento não é consciente, mas resultante de sua inserção em uma determinada realidade e cultura. Mas são equipamentos mais sensoriais sem a influência sistemática do ambiente pedagógico, mas pelas próprias tentativas primitivas, feitas pela criança para lidar, por si mesma, com exigências culturais que lhe são transmitidas pela família, pela escola, pelos demais ambientes pelos quais faz parte e/ou se relaciona.

A entrada na escola propicia o acesso da criança a um mundo novo: o mundo dos livros. Além disso, é provável que a criança já tenha tido experiências anteriores com livros variados, normalmente, os de histórias infantis, em casa ou na pré-escola. Esse contato da criança com livros ocorreu de forma indireta, através da leitura das histórias, pelos pais ou pelos professores.

A criança pode, até, ter participado da história de alguma forma: fazendo perguntas ou comentários, olhando figuras, etc. Entretanto, por não ter ainda o domínio dos sinais escritos que representa a língua, a criança poderá “ler” uma só história de diferentes maneiras, a cada vez que for solicitada, mesmo contando com apoio de figuras ou ilustrações.

Só depois de alfabetizadas, isto é, de posse do sistema de signos escritos (código gráfico) é que a criança se verá em condições de reproduzir, muitas vezes e da mesma maneira, a mensagem registrada no papel. No entanto, conforme as circunstâncias, ela própria faz leituras diferentes desse mesmo texto.

De acordo com Teberosky (1991), investigações recentes demonstram que a aprendizagem da escrita não é uma tarefa simples para a criança, já que requer um processo complexo de construção, em que suas ideias nem sempre coincidem com as dos adultos.

Se a escola conseguir desenvolver no aluno o gosto pela leitura e a capacidade de compreender textos de uso social, já terá dado um grande avanço para atingir outros objetivos do ensino. Formar leitores deve ser, portanto, o objetivo de todo professor do Ensino Fundamental, pois o aluno que passa pela escola e consegue ser um bom leitor, dará continuidade ao aprendizado da escola, através de livros, jornais e revistas que vier a ler, e se desenvolverá muito mais como cidadão, tendo em vista que como alunos do Ensino Fundamental do 9º ano, o aluno precisará ter acesso e facilidade de leitura.

Na interação através da leitura, é importante perceber que não só se faz necessário analisar como a linguagem funciona no texto, mas principalmente como

ele está a serviço das intenções do autor. Nessa perspectiva, o texto é visto como o produto de uma intenção do autor a algo a ser dito, ou seja, há uma finalidade no dizer que pode apenas informar, divertir, persuadir, chocar, enganar. Os textos são, portanto, socialmente produzidos para fins e situações específicas na sociedade.

Evidenciar esse aspecto da leitura de texto para o aluno é o primeiro passo para ele poder atribuir ao texto uma função, para depois, ele próprio fazer análises semelhantes em outros textos, visto que não há textos neutros. Toda leitura de qualquer texto, por mais neutra que pareça, está inserida num contexto social que determina as maneiras de escrever e ler.

Incentivar os alunos à leitura de um texto é criar neles o desejo de lê-lo. É despertar neles o interesse pelos aspectos, fatos e sentimentos contidos no texto, é mostrar o proveito que poderão tirar do conteúdo e da forma do texto; é justificar, de alguma forma, a atividade da leitura e do texto em si, pois os alunos leem com interesse redobrado quando sabem por que e para que estão lendo.

2.2 A leitura e o planejamento de ensino

A leitura, como observa Solé (1996) é um processo que não está limitado apenas ao âmbito escolar ou em apenas um meio para obter informações, mais do que isso, ela deve ser vista como uma prática a ser usada própria convivência com o meio social por todos. No entanto o que se observa é que, em muitas escolas, a leitura ainda é desenvolvida a partir da influência de muitos modelos tradicionais ou concepções errôneas de leitura. Solé (1996, p.33) discorre sobre essa problemática e esclarece que:

O problema do ensino de leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceituação do que é leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da escolar, dos meios que se arbitram para fortalecê-la, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la.

O posicionamento da autora esclarece e ratifica o que já foi citado anteriormente, ou seja, que muitos professores ainda se baseiam no método de ensino tradicional, principalmente pelo fato dos mesmos ainda estarem atrelados a práticas de leitura equivocadas. Esse fato, por sua vez, tende-se a acreditar que o

ensino de leitura pautado nessas concepções acaba limitando as possibilidades de formação de bons leitores, capazes de interagir com as diversas estratégias de leitura. Na visão de Kleiman (2004), a aprendizagem da criança no âmbito escolar está baseada, fundamentalmente, na escola e, por essa razão, a leitura deve proporcionar uma interação entre o interlocutor e o autor do texto, ou seja, é necessário que se ensine a criança a compreender o texto escrito.

Desse modo, entende-se que é preciso adotar métodos, criar situações que possibilitem aos alunos a capacidade de desenvolverem diferentes capacidades de leitura. Sobre isso, Delmanto (2009) considera que é necessário ensinar, além da decodificação, a compreensão, apreciação do texto, assim como a relação do leitor com o texto. De acordo com a autora acrescenta que se os educadores propuserem atividades visando a esses objetivos, os alunos serão capazes não apenas de localizar informações, mas de relacionar e integrar as partes do texto, de refletir sobre os seus sentidos – captando as intenções informações implícitas, de perceber relações com outros contextos, assim como de gerar mais sentidos para o texto e de valorar os que leem de acordo com seus próprios critérios. (DELMANTO 2009, p.29).

O que revela o tratamento que deve ser dado ao ensino de leitura em sala de aula: a leitura deve ser vista como um processo de construção de significados. Diante disso, ver-se a necessidade de a escola oferecer possibilidades de transformação, objetivando a formação de leitores críticos e conscientes de sua realidade. Nessa perspectiva, entende-se que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade.

Entende-se, portanto, a partir do pensamento de Delmato (2009) e outros que a leitura é essencial para o bom desenvolvimento individual e social do homem, é pela leitura que se pode construir e reconstruir conceitos que servirão para uma formação enquanto sujeitos sociais. Leffa (1996, p.17-18), ao propor uma definição de leitura, afirma que,

A leitura é um processo feito de múltiplos processos, que ocorrem tanto simultânea como sequencialmente; esses processos incluem desde habilidades de baixo nível, executadas de modo automático na leitura proficiente, até estratégias de alto nível, executadas de modo consciente.

Diante desses esclarecimentos, compreende-se que a leitura é um processo amplo no qual o leitor precisa dispor de diversas estratégias para chegar à compreensão do texto. Em outras palavras, a leitura não estaciona na mera decodificação, tendo em vista que essa concepção, como mostra Kleiman (2000), dá lugar a leituras dispensáveis, pois não modifica a visão do aluno em nada. Assim, Leffa (1996) pretende esclarecer que o leitor dispõe de diversas estratégias para construir o significado do texto e por essa razão, a leitura não deve envolver somente o leitor ou o texto, mas a interação entre o leitor e o texto para, enfim, se produzir o sentido do texto.

A partir do pressuposto acima, evidencia-se que a leitura não é uma prática isolada, e para que ela ocorra de forma satisfatória, faz-se necessário que o leitor defina, no momento da leitura, os seus objetivos, e assim, possa chegar ao sentido do texto. Nesse sentido Kato (1997), estabelecer objetivos para a leitura é um dos meios que compõem o ato de ler. A autora menciona o fato de que estabelecer metas durante a leitura, além de ser um modo de chegar a uma melhor compreensão do texto, é também um caminho para uma leitura madura, traçar objetivos são, portanto, estratégias conscientes e, típicas de um leitor maduro, proficiente.

Kleiman (2004, p.30) também partilha desse ponto de vista e ressalta que,

[...] todo leitor tem objetivos, propósitos específicos e que ao estabelecer metas para a leitura, o leitor terá uma compreensão maior do texto e, além disso, será capaz de lembrar melhor os detalhes relacionados a seus objetivos, ou seja, lembrará mais e melhor aquilo que leu especialmente as informações e/ou metas que pretendia encontrar no texto.

Solé (1996, p.22) se inclui nessa mesma concepção sobre o ato de ler, quando define leitura como "um processo de interação entre leitor e o texto; neste processo, tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura". Essa afirmação ratifica o que se discutiu anteriormente, já que esclarece que no ato da leitura, deve haver o envolvimento de um leitor ativo que examina e reflete sobre o texto, assim como deve existir um objetivo para guiar a leitura (seja por lazer, obter informações, ou até mesmo seguir instruções para a realização de uma atividade).

Desse modo, acredita-se que a interpretação que se faz de um texto depende dos objetivos que se tem naquela leitura, assim, é possível que diferentes leitores com finalidades diferentes possam construir sentidos diferentes ao lerem o

conteúdo de um mesmo texto.

Para isso é importante que o professor de língua portuguesa, tenha em seu planejamento, objetivos bem definidos e a partir da interpretação dos alunos concluir se os objetivos pré-estabelecido foram alcançados, pois o planejamento para Menegolla e Sant'Anna (2001, p.25):

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque educação não é o processo, cujos resultados podem ser totalmente predefinidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos de correntes de uma ação puramente mecânica e impensável. Devemos, pois, planejar a ação educativa para o homem não impondo-lhe diretrizes que o alheiem. Permitindo, com isso, que a educação, ajude o homem a ser criador de sua história.

Os autores abordam questões relevantes para o contexto do trabalho em questão, pois o planejamento não visa estabelecer uma ação mecânica, mas dá diretrizes para que o aluno construa seus conceitos, faça as interpretações que lhe permitam o entendimento sendo assim criador da sua própria história, o planejamento na concepção dos autores não limita o conhecimento do homem, mas lhe possibilita oportunidades de criar, ampliar seus horizontes e ser um formador de opinião.

Nesse sentido compreende-se que a escola tem um papel fundamental na formação e desenvolvimento do indivíduo e o planejamento deve contemplar as necessidades e o conhecimento de mundo dos alunos, que por sua vez são os principais interessados e possivelmente os principais beneficiados com o sucesso nesse tipo de organização.

O conceito de planejamento é algo bem amplo que pode ser compreendido de várias formas, Vasconcellos (2000, p.79) define que:

O planejamento enquanto construção e transformação de representações é uma mediação teórica metodológica para ação, que em função de tal mediação passa a ser consciente e intencional. Tem por finalidade procurar algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar e para isto é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento ação no tempo.

A definição de Vasconcellos deixa claro o objetivo do planejamento, “vir a tona, fazer acontecer, concretizar” tornar possível o que foi planejado, visando atender as prioridades e necessidades dos alunos. O planejamento precisa através

da ação do professor, que planejou de forma intencional os conteúdos e as ações, sair da teoria e se tornar realidade através da prática, para isso é fundamental que o planejador reúna informações e conhecimentos sobre a realidade que pretende modificar, pois o planejamento de ensino é um processo reflexivo e flexivo podendo sofrer alterações de forma a contemplar a realidade e as necessidades dos alunos.

3 O COORDENADOR PEDAGÓGICO

3.1 O coordenador pedagógico como articulador do planejamento de ensino.

Entende-se que o coordenador pedagógico é aquele profissional que tem por atribuição, no âmbito escolar, articular, coordenar, acompanhar, supervisionar, orientar, e subsidiar o desenvolvimento do trabalho pedagógico que se desenvolve no interior da escola, na perspectiva da realização de um ambiente escolar que favoreça o desenvolvimento da aprendizagem, mas esse profissional da educação nem sempre foi bem visto no interior da escola e é importante destacar que o trabalho do coordenador também já foi mal interpretado, como ressalta Augusto, (2006, p.1).

Muito antes de ganhar esse status, já povoava o imaginário da escola sob as mais estranhas caricaturas. Às vezes, atuava como fiscal, alguém que checava o que ocorria em sala de aula e normatizava o que podia ou não ser feito. Pouco sabia de ensino e não conhecia os reais problemas da sala de aula e da instituição. Obviamente, não era bem aceito na sala dos professores como alguém confiável para compartilhar experiências. Outra imagem recorrente desse velho coordenador é a de atendente. Sem um campo específico de atuação, responde às emergências, apaga focos de incêndios e apazigua os ânimos de professores, alunos e pais. Engolido pelo cotidiano, não consegue construir uma experiência no campo pedagógico. Em ocasiões esporádicas, ele explica as causas da agressividade de uma criança ou as dificuldades de aprendizagem de uma turma.

O que se percebe é que ao longo dos anos essa função vem tomando seus verdadeiros caminhos às atribuições supracitadas compreendia o coordenador sem conhecimento de suas funções, ainda hoje os que não se atualizam acabam se deixando acarretar pelas demandas de trabalho que envolve o processo educativo e muitas vezes deixam de exercer com excelência sua função.

Mas nos dias atuais a realidade educacional mostra que o coordenador pedagógico tem um importante papel de articulador e integrador dos processos educativos que se constroem no interior da escola. Além de supervisionar todas as atividades relacionadas com o processo ensino e aprendizagem, visando sempre a permanência do aluno com sucesso. Sua atuação e seu trabalho podem contribuir de maneira significativa para que se realize na escola um ambiente educativo que favoreça ao desenvolvimento da aprendizagem, do conhecimento, do trabalho

coletivo e interdisciplinar, da ética, da cidadania, contribuindo desta forma com uma escola e uma sociedade cada vez mais inclusiva.

O coordenador pedagógico precisa estar atento às necessidades dos professores e com eles encontrar soluções que priorizem um trabalho educacional de qualidade, tem que ir além do conhecimento teórico, pois é necessária percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos alunos e professores e de forma coletiva buscar alternativas para superar os problemas da prática.

Dentro dessa perspectiva sobre a importância do trabalho desse profissional compreende-se que o coordenador pedagógico tem um papel fundamental na articulação do planejamento de ensino, uma vez que o planejamento torna-se o grande aliado da prática do professor, para isso faz-se necessário que haja entre professor e coordenador um diálogo franco e as discussões precisam atender o trabalho escolar, ambos precisam estar dispostos a aceitar opiniões e avaliar sua prática, tornando as reflexões novos caminhos a serem trilhados que pode provocar a produção do saber e a formação do pensamento.

Sobre essa questão comenta Nogueira (2008, p.1).

[...] Dentro das diversas atribuições está o ato de acompanhar o trabalho docente, sendo responsável pelo elo entre os envolvidos na comunidade educacional. A questão do relacionamento entre o coordenador e o professor é um fator crucial para uma gestão democrática, para que isso aconteça com estratégias bem formuladas o coordenador não pode perder seu foco.

A escola é uma instituição imprescindível à sociedade contemporânea, especialmente, pelo seu contributo para o desenvolvimento da cidadania e Nogueira destaca a importância do relacionamento entre o professor e o coordenador na contribuição da gestão democrática da escola, desta forma compreende-se que as estratégias como destaca o autor, além de bem formuladas devem contemplar os atributos essenciais para a melhoria da escola e do processo ensino aprendizagem, uma vez que propicia assinalar o processo de tomada de decisões fundamentadas na realidade escolar, por isso o planejamento deve refletir e definir coletivamente os objetivos das atividades de ensino e de gestão da escola.

As potencialidades da escola devem ser projetadas de acordo com as demandas sociais em que a escola está inserida e a partir desse ponto fazer previsão e a provisão dos recursos diversos disponíveis, organizar e articular as

ações educativas, otimizar o tempo e o espaço pedagógico, a fim de assegurar a unidade e a coerência do trabalho docente. O planejamento pode, dentro desse contexto ser norteado pelo projeto político pedagógico da escola onde a participação coletiva torna-se indispensável para a construção da cidadania.

3.2 O coordenador pedagógico entre o pensar e o fazer

Grandes são os desafios enfrentados quando se procura direcionar a melhoria da educação, considerando que esta tem um papel fundamental no desenvolvimento das pessoas e das sociedades e a escola é a base da formação dos seres humanos e ensinar sempre foi um ato de planejar, avaliar e constantes reflexões, pois a cada dia é necessário lidar com as constantes transformações pelas quais passam a sociedade, sejam elas, aspectos tecnologias, filosóficos, religiosos, políticos, culturais, econômicos, entre outros, o que exige reformas no processo educacional e reflexões sobre os trabalhos pedagógicos desenvolvidos pelos sujeitos que envolvem a escola.

Desta forma compreende-se que o trabalho do coordenador pedagógico está sempre diante de desafios sendo necessário muito estudo para estar constantemente atualizado e poder contribuir de forma significativa às demandas do seu trabalho. Esta pesquisa apresenta uma questão problematizadora, rever as práticas de leitura escola Alcelino Ribeiro Rodrigues, o que implica dizer que é uma dificuldade que precisa ser superada, o que para o coordenador pedagógico não deixa de ser mais um desafio a ser vencido, pois a leitura é um tema de grande relevância, sendo este um requisito indispensável para a formação do aluno como um cidadão crítico, ativo e participativo na sociedade.

Portanto, como agente articulador do diálogo o coordenador precisa estar atento e promover a reflexão em torno da transformação da prática pedagógica frente a mais um desafio. É fundamental que a ação educativa seja planejada, articulada com os sujeitos escolares e o coordenador pedagógico fique como mediador de formas interativas do trabalho, onde o planejamento seja visto como um pilar de sustentação do trabalho coletivo buscando conferir os recursos, sejam eles materiais ou humanos disponíveis para garantir a legitimidade do trabalho pedagógico. Nessa visão de organização do planejamento discorre, Martinez e Lahone (1997, p.11),

Entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis a fim de alcançar objetivos concretos em prazos determinados e em etapas definidas a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original.

O plano de ensino é essencial para nortear o trabalho cotidiano do professor, sendo por ele elaborado levando em consideração o que afirmam os autores, a racionalização dos meios, materiais e recursos disponíveis para se alcançar os objetivos concretos, ou seja, o planejamento deve estar embasado na realidade da escola, dos alunos e das necessidades por eles apresentadas, só assim terá o êxito desejado.

É importante ressaltar que a própria organização do fazer pedagógico pressupõe que o coordenador pedagógico elabore também o seu plano de trabalho em consonância com as diretrizes gerais concernentes ao exercício de sua função, assim estará deixando claro quais os objetivos do fazer pedagógico pretendido durante a execução do seu trabalho como orientador e articulador do processo ensino aprendizagem.

O planejamento intenciona organizar ações que visam melhorar ou até mesmo mudar a prática pedagógica, possibilitando desta forma uma melhor compreensão dos conteúdos por ele definido. É importante que o coordenador ao agir dentro desse processo conheça a postura do professor diante da mediação dos conteúdos, pois não se pode esquecer que há professores que ainda se consideram os únicos responsáveis pela transmissão do conhecimento, onde só ele pode falar explicar seus conteúdos impossibilitando assim a participação crítica dos alunos. Sobre essa questão em sua análise Marques (2000, p.79) escreve:

Existem, é verdade, professores que falam muito em sala de aula. Essa sempre pareceu ser a função do professor: falar. E falar sozinho, embalado ao som da própria voz e empolgado por 'seu' assunto, até privando os alunos das oportunidades de falarem também eles. Professor que muito fala e pouco escuta. E isso certamente acontece porque se centra o ensino em conteúdos pré-fixados, que ao professor importa fiel e literalmente transmitir e aos alunos compete assimilar e repetir. Falante aquele, calados estes.

Centrar a ação educativa na transferência de saber, permitir a fala para o professor e a escuta para os alunos, impossibilita o diálogo e a comunicação nesse processo. Possibilitar a interlocução dos envolvidos é proporcionar a dialogicidade, condição necessária para mudanças que podem acontecer no fazer pedagógico.

Não pode ser diferente nas aulas de leitura, pois é indispensável que “o professor adquira o hábito de ouvir mais” tanto seus alunos, quanto os colegas, “falar menos em sala de aula, oportunizando uma maior expressividade dos alunos”. Diante disso é importante que o coordenador pedagógico busque junto ao professor estratégias que viabilizem uma maior interação dos alunos com os conteúdos definidos pelo planejamento, (leitura).

4 PRÁTICAS DE LEITURAS NAS TURMAS DO 9º ANO DA ESCOLA ALCELINO RIBEIRO RODRIGUES

A escola Alcelino Ribeiro Rodrigues tem um bom acervo literário recebido do MEC, porém pouco utilizado, alguns professores alegam a falta de espaço na escola e nas turmas, por isso os livros ficam empilhados e sem muita utilização, mas o ano de 2016 trouxe muitas mudanças, a escola foi reformada e ganhou uma sala de professores onde também será utilizada como biblioteca, assim os alunos também poderão usufruir desse cantinho e explorar a variedade.

Ler é mais do que uma simples decifração do que está escrito, mas um ato que resulta na formação geral do indivíduo, e que faz com que ele se adapte ao mundo em que vive, não se limitando apenas às vivências escolares, mas “exagerando” além daquilo que está escrito. (DINIZ, 2001).

Esse conceito de Leitura retrata exatamente o que se pretende destacar nesta pesquisa, habilidades que os alunos do 9º ano da escola Alcelino Ribeiro Rodrigues precisam desenvolver para não somente responder com sucesso aos descritores das provas externas, mas para ampliar seus conhecimentos de mundo.

A leitura não deve ser apenas uma atividade da escola, mas diversão, prazer, instrução, conhecimento e os alunos precisam vivenciar isso da forma mais natural possível, sem que se caracterize mais uma atividade obrigatória que precisa ser feita para pontuar tornando a aula chata e monótona.

As aulas de leitura na escola Alcelino Ribeiro nas turmas do 9º ano são ministradas pela professora Y, acontecem duas vezes na semana. Essa leitura é sempre de textos com gêneros variados para interpretação e compreensão para respostas com perguntas já elaboradas ou diálogo sobre os textos.

4.1 Escola Alcelino Ribeiro Rodrigues: histórico

A escola Alcelino Ribeiro Rodrigues é uma das escolas mais antiga do município de Turilândia a mesma está situada em frente à Praça Carlos Siqueira Amorim, sede do município de Turilândia. O prédio já teve outro nome, pois durante 20 anos funcionou a Escola Municipal Professor Edmundo Silva, em 2003 a prefeitura construiu um prédio novo para a Escola Edmundo Silva e o antigo prédio

ficou funcionando como anexo, por ser uma escola bem localizada a procura de matrículas sempre foi muito grande o que levou a secretaria de educação torná-la independente.

A escola Alcelino Ribeiro, tornou-se independente, passando a funcionar os três turnos e atendendo assim a clientela de 1º ao 5º ano, 6º ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos - EJA, mas ainda não tinha nome, foi então que na gestão do prefeito Domingos Curió no ano de 2005 ela passou por uma reforma e foi reinaugurada recebendo o nome de Alcelino Ribeiro Rodrigues em homenagem ao vice-prefeito do pleito de 2005 a 2008 que faleceu meses depois de ter sido eleito a vice. No em curso da gestão do atual prefeito Alberto Magno Serrão Mendes ela passou por uma reforma radical deixando-a moderna e climatizada com uma moderna biblioteca e é hoje a escola mais moderna que tem no município, porém não possui cantina, sala de informática, quadra de esporte etc. a escola já foi contemplada com sala de informática e sala de recursos multifuncionais, mas não possui espaços para nenhum tipo de adequação, pois as dependências como sala de aula são ainda em tamanhos desproporcional ao exigido pelo MEC.

A escola hoje tem 83 funcionários distribuídos nos 3 turnos matutino, vespertino e noturno, 9 (nove) sala de aula uma biblioteca, uma cozinha 2 banheiros e uma secretaria, atende 842 (oitocentos e quarenta e dois) alunos sendo, 430 (quatrocentos e trinta) nas séries iniciais funcionando no turno matutino com 5 turmas em um espaço alugado, 275 (duzentos e setenta e cinco) nas séries finais no turno vespertino e 137 (cento e trinta e sete) no EJA no turno noturno.

A escola Alcelino, assim como todas as escolas da sede do município tem um diferencial de outros municípios, por uma cultura de gestão na política de Turilândia cada turno possui um diretor que responde apenas pelo seu turno de trabalho, o que dificulta em partes o trabalho em parceria e a visão democrática e pedagógica da escola. Mas no geral a escola recebe uma clientela de alunos oriundos de família baixa renda e humildes, o que não impede a escola de ser um destaque entre outras, pois nos eventos como sarau, desfile e torneios a escola Alcelino Ribeiro Rodrigues tem se destacado como uma das melhores na criatividade e participação.

4.2 Prova Brasil: o que é e qual sua função

A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

(Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Nos testes aplicados na quarta e oitava séries (quinto e nono anos) do ensino fundamental, os estudantes respondem a itens (questões) de língua portuguesa, com foco em leitura, compreensão e interpretação e matemática, com foco na resolução de problemas. No questionário socioeconômico, os estudantes fornecem informações sobre fatores de contexto em que vivem que podem estar associados ao desempenho. (PDE/SAEB, 2011).

Seu objetivo é realizar um diagnóstico do sistema educacional brasileiro e de alguns fatores que possam interferir no desempenho do estudante, fornecendo um indicativo sobre a qualidade do ensino que é ofertado. As informações produzidas visam subsidiar a formulação, reformulação e o monitoramento das políticas na área educacional nas esferas municipal, estadual e federal, contribuindo para a melhoria da qualidade, equidade e eficiência do ensino.

A primeira aplicação do Saeb aconteceu em 1990 com a participação de uma amostra de escolas que ofertavam as 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries do Ensino Fundamental das escolas públicas da rede urbana. Os estudantes foram avaliados em Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. As 5ª e 7ª séries também foram avaliadas em redação. Este formato se manteve na edição de 1993.

Nas edições de 1997 e 1999, os estudantes matriculados nas 4ª e 8ª séries foram avaliados em Língua Portuguesa, Matemática e Ciências, e os estudantes de 3º ano do Ensino Médio em Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia.

Nas edições de 1990 e 2003 as provas foram aplicadas a um grupo de escolas sorteadas em caráter amostral, o que possibilitou a geração de resultados para unidades da federação, região e Brasil.

É importante ressaltar que a partir da edição de 2001, o Saeb passou a avaliar apenas as áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Tal formato se manteve nas edições de 2003, 2005, 2007, 2009 e 2011.

Em 2005 o SAEB foi reestruturado pela Portaria Ministerial nº 931, de 21 de março de 2005, passando a ser composto por duas avaliações: Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB) e Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC), conhecida como Prova Brasil. (INEP, 2001).

É uma avaliação censitária para alunos do ensino fundamental (9º ano)

público das redes estaduais, municipais e federais. Participam escolas com no mínimo 20 alunos matriculados na série avaliada. (BRASIL, 2008). Pretende-se com essa prova, retratar a realidade de cada escola, em cada município; contribuir para dimensionar os problemas da educação básica brasileira; e orientar a formulação, a implementação e a avaliação de políticas públicas educacionais que conduzam à formação de uma escola de qualidade. As médias de desempenho nessa avaliação, juntamente com o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), subsidiam o cálculo do Índice de Desenvolvimento da educação Básica (IDEB).

As Matizes de Referência da Prova Brasil listam as habilidades de leitura a serem avaliadas em itens denominados “Descritores”. Esses matizes apontam o caminho a ser percorrido nas diversas leituras que são realizadas na escola, pois norteiam os objetivos a serem alcançados pelos professores. São 21 descritores para o 9º ano, divididos em seis tópicos: Procedimentos de leitura; Implicações do suporte, do gênero e; ou do enunciador na compreensão do texto, Relação entre textos; Coerência e coesão no processamento do texto; Relação entre recursos expressivos e efeitos de sentido; Variação linguística. Alguns descritores podem ser aplicados a atividades sobre texto de qualquer gênero. São eles: D1, D2, D3, D4, D6, D12, D15, D17, D18, e D19, que, de maneira geral, referem-se à localização de informações explícitas, inferências, elementos de coesão e coerência, identificação da finalidade e do tema do texto, como mostro o quadro a seguir:

Quadro 1: Relação dos descritores

Tópico I Procedimento de leitura	
D1	Localizar informações explícitas em um texto
D3	Inferir sentido de uma palavra ou expressão
D4	Inferir uma informação implícita em um texto
D6	Identificar o tema de um texto
D14	Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato
Tópico II. Implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto.	
D5	Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, fotos, etc.)
D12	Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros

Tópico III. Relação entre textos	
D20	Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daqueles em que será recebido.
D21	Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.
Tópico IV. Coerência e coesão no processamento do texto	
D2	Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.
D10	Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa
D11	Estabelecer relação de causa e consequência entre partes e elementos do texto
D15	Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc.
D7	Identificar a tese de um texto
D8	Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la
D9	Diferenciar as partes principais das secundárias de um texto
Tópico V. Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido	
D16	Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados
D17	Identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações
D18	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão
D19	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ ou morfossintáticos
Tópico VI. Variação linguística	
D13	Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto

BRASIL (2008).

Por ser a escola o espaço onde prevalece os discursos sobre a leitura e

as práticas leitoras questiona-se, portanto se de fato os professores estão considerando as matizes, ou seja, os descritores, as competências e habilidades no ensino e no incentivo a leitura? Há nos professores práticas de leitura? Compreendem os descritores? Estão trazendo esses conhecimentos para a prática de leitura? São capazes de motivar seus alunos para a leitura? Como os alunos respondem às instruções desses descritores? As pesquisas do MEC avaliam a leitura com base em parâmetros de decodificação e interpretação da escrita, isso aponta para o papel do professor frente a esse desafio de formar alunos leitores. Percebe-se que ensino de leitura revela um sistema impotente na formação de leitores à medida que se reflete o que é de fato ser leitor, para Lajolo (1982. p.59),

Ler não é decifrar, como um jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra prevista.

Acredita-se que o processo de aprendizagem da leitura precisa ter significados para o aluno, garantindo que este se interesse pelo que está aprendendo, desse modo esta pesquisa busca compreender as práticas de leituras desenvolvidas na escola Alcelino Ribeiro nas turmas de 5º e 9º ano do Ensino Fundamental de modo a contemplar os requisitos e exigências das avaliações externas, por isso é importante destacar que as duas turmas do 5º ano com 25 alunos cada e as duas turmas do 9º ano com 28 alunos cada e os respectivos professores de língua Portuguesa serão os sujeitos da pesquisa, isto para que o coordenador pedagógico possa mediar estudos e observações a fim de contribuir para formação e transformação do aluno leitor em sujeito leitor tornando-o capaz de ter sua própria visão de mundo e alcançar o nível de conhecimento de leitura que se caracteriza nas avaliações externas. Segundo Oliveira (2010, p.73),

[...] Um leitor eficiente não tem de conhecer todas as palavras de um texto para compreendê-lo. Esse tipo de leitor tende a ignorar palavras desconhecidas que vai encontrando em um texto, a menos que algumas delas seja essencial para o processamento da leitura.

Dessa forma acredita-se que o desenvolvimento das práticas de leitura e da capacidade de leitura, não está condicionado em que o aluno compreenda todas

as palavras para ter sucesso, mas em um processo norteador no ensino-aprendizagem, que possibilita o contato com a diversidade da leitura. Para isso é necessário considerar as abordagens sobre leitura feitas por alguns autores como: Martins (1999, p.29), “a leitura é uma experiência individual sem demarcações de limites, que não depende somente da decifração de sinais gráficos, mas de todo o contexto ligado à experiência de vida de cada ser para que ele possa relacionar seus conceitos prévios com o conteúdo do texto e, assim construir sentido”; Germano (2012, p.15), “ler é um ato que implica a formação integral do indivíduo e sua relação com o mundo que o cerca”.

Neste capítulo procurou-se falar da leitura de forma geral e também as implicações da leitura frente aos desafios das avaliações externas, que por sua vez, motiva esta pesquisa a fim de tornar conhecidos os problemas que dificultam o sucesso dos alunos diante dos resultados até agora mostrados pelo IDEB.

4.3 A leitura na escola Alcelino Ribeiro: a voz dos sujeitos da pesquisa

A pesquisa realizada na Escola Alcelino Ribeiro Rodrigues se deu com uma entrevista com a professora de Língua Portuguesa da turma do 9º ano e 10 alunos da respectiva turma, os alunos que participaram da pesquisa foram os alunos de maior idade da turma e os que apresentaram disponibilidade para conversar sobre as leituras por eles vivenciadas. O objeto de análise foi à leitura, iniciou-se com apresentações e uma conversa informal para que os alunos ficassem a vontade para responder as perguntas.

Observou-se que a primeira pergunta (você gosta de ler?) feita aos alunos, trouxe no rosto de cada um, um sorriso e uma resposta imediata, a maioria disse que sim, e, apesar de não terem muito incentivo, eles ainda se descobrem leitores quando dão suas opiniões sobre a importância da leitura no cotidiano, na vida estudantil e profissional.

Na pergunta (que tipo de texto você gosta de ler?) as respostas foram surpreendentes, listaram os mais variados tipos de gêneros, romance, aventuras, piadas, notícias, histórias em quadrinhos e outros, o entusiasmo com que falaram só demonstra que estão dispostos a conhecer e ler vários tipos de textos, o que torna possível explorar dentro da sala de aula o universo da leitura e suas muitas possibilidades de interpretação e imaginação. Oferecer aos adolescentes essas

possibilidades de leituras pode, sem duvidas, desenvolver nestes o hábito e o gosto pela leitura em tempo oportuno. Sobre esta temática discorre Koch (2002, p.18),

[...] para que o aluno torne-se “sujeito do ato de ler” é preciso que ele se torne apto a aprender a significação profunda dos textos, sendo capaz de reconstruí-los e reinventá-los. Enquanto o aluno não tiver consciência deste fato vai fazendo da leitura algo sem muita importância, sem valorizá-la a leitura como fundamental para o seu crescimento intelectual, dispensando seu tempo livre também para uma boa leitura.

Deste modo faz-se necessário que seja apresentado ao aluno a importância da leitura sendo a mesma fundamental para o crescimento intelectual. E é através da forma como a leitura é apresentada aos alunos que eles terão a capacidade de reconstruí-los e reinventá-los ou fazer da leitura uma aula monótona e sem importância.

A questão de maior relevância na entrevista com os alunos foi à pergunta, (Como são as leituras nas aulas de língua portuguesa?) algumas respostas foram diretas, “chatas”, outras, “cansativas”, outras “mais ou menos” e alguns alunos responderam “boas”. Isso mostra à urgência de se repensar as práticas de leituras que estão sendo desenvolvidas na turma do 9º ano da escola Alcelino Ribeiro Rodrigues. As respostas mostram que os alunos esperam mais das aulas de leituras. A leitura é uma atividade construtiva e criativa, que pode ganhar no mundo da sala de aula diversos caminhos e possibilidades de compreensão.

A maioria dos alunos não foi incentivada pela família quanto ao gosto pela leitura e suas experiências estão totalmente ligadas com o que convivem em sala de aula, daí a responsabilidade do professor e do coordenador em planejar e viabilizar aos educandos meios e atividades que possibilite aos mesmos ampliar e demonstrar suas habilidades e criatividade com o universo da leitura.

A entrevista com a professora deixou clara sobre como desenvolve sua ação educativa, em especial as práticas de leituras vivenciadas no contexto escolar, e as reflexões sobre os pontos principais constitui um dos principais materiais de análise desta pesquisa, nessa perspectiva, passa a ter outro sentido, envolvendo o professor na tarefa de analisar e refletir sobre a sua prática e seu próprio trabalho. Assim, serão repensadas as práticas, os saberes sobre as leituras e o planejamento de ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo das diversas bibliografias sobre a leitura, procurou-se mostrar nessa pesquisa a importância da leitura, diante das práticas desenvolvidas na escola Alcelino Ribeiro Rodrigues, o planejamento de ensino do professor e as possíveis intervenções e colaboração do coordenador pedagógico, diante das reflexões para desenvolvimento de aluno leitores.

O que se percebe diante do estudo em questão é que há muito a ser explorado, muito a ser estudado, e muito a ser mudado, pois nos dias atuais ainda se percebe professores com modelos e técnicas antigas, presos a modelos de ensino tradicional, o que de certo modo leva o professor a deixar de explorar a realidade e inovar sua prática.

As implicações percebidas ao longo dos estudos são sentidas não só no aperfeiçoamento profissional, como também na necessidade de transformação da cultura escolar e que, mesmo com as resistências de alguns professores, as possíveis propostas de inovações sugeridas por outros, torna a escola atraente. “É um espaço que não está cristalizado e que, na escola, não se encontra o aluno ideal, mas o aluno real que permite ao professor rever posições e conceitos sobre o ato de ensinar”. O interessante é observar que se fala constantemente em mudanças, que a sociedade está em constantes transformações, que os alunos estão vivenciando o mundo da tecnologia e ainda assim, há professores que resistem ao novo e as mudanças.

São muitos os desafios que o coordenador pedagógico encontra na escola, desde processo pedagógico ao administrativo, lida com as dificuldades da escola de forma geral no âmbito da gestão, com a coletividade dos funcionários e com o estreitamento do relacionamento com os professores e os diversos posicionamentos frente ao planejamento e as práticas pedagógicas, mas coordenador pedagógico pode enfrentar os desafios da escola através do diálogo, da comunicação e da parceria com os outros profissionais, expondo as dificuldades e juntos buscar alternativas para o sucesso.

A realidade contemporânea demanda exigência das novas técnicas da aprendizagem considerando mundo globalizado no qual a escola estar inserida e o coordenador pedagógico deve ser o articulador do conhecimento, ajudar os professores a desenvolver técnicas e habilidades que ajude os jovens a despertar

suas potencialidades de forma crítica e participativa. Não é uma tarefa fácil, porém a atual pesquisa pretende levantar questionamentos e reflexões a cerca das práticas de leitura no cotidiano escolar.

No decorrer do trabalho observou-se que esse processo de aquisição do hábito da leitura necessita ser conduzido com objetivos claros, por parte do educador, seja sobre a importância do letramento, na prática e no ensino de leitura ou na sala de aula, a relevância de se ter um projeto de desenvolvimento de alunos leitores, enfim o educador precisa embasar-se em conhecimentos teóricos para fundamentar sua prática docente, para que desta maneira obtenha-se como consequência de um trabalho pedagógico elaborado com conhecimento e objetivos claros ao desenvolvimento da prática de leitura como hábito diário e significativo ao aluno no espaço escolar.

Por isso o trabalho em questão não pretende mudar completamente as práticas pedagógicas dos professores da escola Alcelino Ribeiro, apresenta sugestões de forma que o próprio professor deve fazer de suas ações um exemplo a ser seguido, por isso, é relevante ser um leitor, ter prazer pela leitura e valorizá-la, para assim, motivar os alunos.

Conclui-se que para tornar as aulas de leitura significativa, na turma do 9º ano na escola Alcelino Ribeiro Rodrigues os educadores e coordenadores devem conhecer os suportes necessários para gerar o desenvolvimento da prática de leitura como hábito diário e prazeroso para ao aluno, rever os objetivos pré estabelecidos no planejamento de ensino, proporcionar aos alunos oportunidades de demonstrar as habilidades e criatividade dentro do universo da leitura.

Deve ainda auxiliar o professor de Língua Portuguesa a desenvolver estratégias de leitura, como: saraus, dramatização, paródias, jure simulados, apresentações de shows, jornais etc. e principalmente analisar os objetivos e estratégias no planejamento.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Silvana. **Desafios do coordenador pedagógico**. Nova Escola. São Paulo. Nº, 192, maio, 2006.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. tradução de Octávio Mendes Cajado. SP: cultrix, 1997.

BRASIL. PDE/SAEB/**Prova Brasil 2011** - primeiros resultados. 2012. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/resultados/2012/SAEB_2011_primeiros_resultados_site_inep.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2016.

_____. Ministério da Educação. **PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil. Ensino Fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores**. Brasília: MEC, SAEB, Inep, 2008.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DELMANTO, Dileta. **A leitura em sala de aula**. Almanaque do Programa Escrevendo o Futuro. Ano III. Nº 7. 2009. Disponível em: www.construirnoticias.com.br. Acesso em: 23/10/2016.

DINIZ, Maria Ignez. **Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática**. Porto Alegre. Artemed. 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que completam**. 30. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo; DONALDO, Macedo. **Alfabetização: Leitura da palavra, leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989

GERMANO, Altair. **O líder cristão e o hábito da leitura**. Rio de Janeiro. CPAD, 2012.

GLOBO. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/70-dos-brasileiros-nao-leram-em-2014-diz-pesquisa-da-fecomercio-rj.html>. Rio de Janeiro. 2014. Acesso em: 23/10/2016.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revisata Katállys**, Florianópolis, v.10, n.spe, 2007.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **PISA 2000: Relatório Nacional. Apresentação**. Brasília, 2001.

KATO, Mary A. **O aprendizado da leitura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitura: aspectos cognitivos da leitura**. 9. ed. Campinas, 2004.

_____, **Leitura: ensino e pesquisa**: Ed. Campinas: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore Vilaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

LAJOLO, M. **Usos e abusos da literatura na escola**. Porto Alegre: globo. 1982.

LEFA, Wilson. **Aspectos da leitura**. porto Alegre: Sangra- luzzatto, 1996.

MARQUES, Mario Osório. **A formação do profissional da educação**. 3. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo. Brasiliense, 1999.

MARTINEZ, M. J. LAHONE, C. O. **Planejamento escolar**. São Paulo: Saraiva 1997.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Porque Planejar? Como Planejar? Currículo e Área-aula**. 11. ed. Editora Vozes. Petrópolis. 2001.

NOGEIRA, Vanessa dos Santos. **O papel do coordenador pedagógico**. 2008. Colunista Brasil escola. Disponível em: [http:// pedagogia. Brasil escola.com/trabalhodagente](http://pedagogia.Brasil escola.com/trabalhodagente). Acesso em: 09 de novembro de 2016.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português deve saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábolas Editorial, 2010.

PIETRI, Emerson de. **Práticas de leituras e elementos para a atuação docente**, 2. ed. Rio de Janeiro. Ediouro. 2009.

SOLÉ, L. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.

SZYMANSKI, Heloísa. **A entrevista na Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a escrever – Perspectivas Psicológicas e implicações educacionais**. São Paulo Ática, 1991.

VASCONCELLOS, Celson dos Santos. **Planejamento de ensino – aprendizagem e projeto político pedagógico**. Ladernos Libertad. 17. ed. São Paulo, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Questionário para Professores

1. Você gosta de ler?

R. _____

2. Que tipo de leitura você costuma fazer?

R. _____

3. Você costuma comentar sobre suas leituras com seus alunos?

R. _____

4. Que estratégias você costuma usar nas aulas de leituras?

R. _____

5. Como são planejadas as aulas de leituras?

R. _____

6. Seu planejamento compreende os descritores da prova Brasil?

R. _____

7. Nas formações continuadas, são contempladas orientações para o planejamento de aulas de leituras?

R. _____

APÊNDICE B: Questionário para Alunos

1. Você gosta de ler?

R. _____

2. Que tipo de texto você gosta de ler?

R. _____

3. O que você gostaria de mudar nas aulas de leitura?

R. _____

4. Como são as leituras nas aulas de língua portuguesa?

R. _____

5. Como você vê a Prova Brasil?

R. _____

6. Você consegue interpretar (compreender os textos que lê)?

R. _____
